

A FENOMENOLOGIA QUE NASCE E O “MUNDO DA VIDA”: SOBRE A FILOSOFIA DE EDMUND HUSSERL

Jeferson Nervis¹

Resumo: *O estudo centra-se no estágio inicial do desenvolvimento da filosofia de Edmund Husserl (1859-1938); ele dedicou-se a procurar um fundamento último para assentar o conhecimento humano com base segura. Tal abordagem do conhecimento humano e da forma como ele se dá, de um lado, resgata a riqueza da realidade que havia sido reduzida no cartesianismo; e de outro, faz o “mundo da vida” surgir como “mundo de significados”, constituído na consciência humana.*

Palavras-chave: *Fenomenologia; Consciência Intencional; Lebenswelt.*

1. Introdução

O exercício filosófico está caracterizado por uma necessidade de dar conta de uma “realidade” que se apresenta para o filósofo. Na verdade, o filosofar é a tentativa de expor em um sistema a experiência imediata que o homem faz da realidade global que o cerca, do ser; assim, pouco importa um sistema em si; o que justifica e consagra uma filosofia é a expressão de uma realidade que ela carrega consigo.

Parece ser neste contexto que a afirmação husserliana “voltemos às coisas mesmas” adquire a sua mais profunda significação filosófica. Na verdade, esse imperativo que serviu de lema ao fundador da fenomenologia pode ser aplicado a todo autêntico filosofar. Com efeito, este brado husserliano está categoricamente inserido na trajetória filosófica deste pensador. Husserl encontra-se, inicialmente, entre a física e a matemática. No entanto, aos poucos vai se dando conta de que a verdade fundante das ciências não é passível de ser encontrada na

¹ Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas.

articulação lógica das mesmas, e está, então, situada em outro horizonte. Esta percepção arrasta-o para a filosofia. Para ele, a filosofia deve consagrar sua atividade na busca de um elemento primeiro que possa justificar a experiência originária do ser.

Assim, este artigo objetiva fundamentalmente, primeiro, analisar o processo que caracteriza a fenomenologia husserliana em seu contexto fundante, a partir do qual Husserl situa sua experiência do ser. Depois, acentua-se a análise em aspectos nos quais esta filosofia ganha sua justificação. Após esta primeira elucidação analisa-se a elaboração do conceito de *Lebenswelt* e suas implicações, a fim de entender como se dá a articulação da verdade na fenomenologia de Husserl.

2. O desenvolvimento da Fenomenologia

Edmund Husserl (1859-1938) foi o filósofo criador da corrente filosófica contemporânea denominada fenomenologia. Para Husserl, a fenomenologia é uma atitude ou postura filosófica com ideias e método próprios tendo sempre presente o rigor radical do conhecimento. Assim a filosofia – a sabedoria – é de algum modo um assunto pessoal do filósofo.

O termo fenomenologia, etimologicamente, significa ciência ou teoria dos fenômenos e agrupa as palavras fenômeno e logos. Conforme André Dartigues os gregos usaram este termo para situar a manifestação do ser em uma íntima unidade entre o ser e o aparecer. Com o tempo passou-se a entender por fenômeno a aparência enganosa. Assim, Platão usa o termo para designar o mundo sensível em oposição ao mundo inteligível.

Mais adiante Hume, em seu fenomenismo, e Kant sedimentam a concepção de que a “coisa em si” é aquilo que, no fenômeno, ou para além do fenômeno, não abarcamos. Também Hegel usa a terminologia na sua obra “Fenomenologia do Espírito” recolocando o fenômeno no conhecimento do ser. A partir de 1900, Husserl também se apropria do termo para desenvolver sua filosofia (Cf. DARTIGUES, 1973, p. 12-13). No entanto, ele não aceita a ideia de que aquilo que aparece na experiência não é a verdadeira coisa. Assim deu novo significado à fenomenologia constituindo o fenômeno no

“campo da consciência”. Esta postura filosófica de Husserl representa como que uma terceira via se olhada com relação ao idealismo e ao realismo da modernidade.

Existem, indubitavelmente, diferenças significativas entre o realismo e o idealismo principalmente no que se refere ao modo como entendem a construção da verdade. Seguindo a formulação de Luijpen, enquanto o primeiro reconhece o mundo em si como referência de verdade, onde a consciência seria apenas algo passivo, receptora de impressões; o segundo ressalta a consciência com sua espontaneidade, atividade e prioridade. O idealismo tenta superar a ligação da consciência com o mundo, eliminando este como fonte de conhecimento. Porém, ambos concordam fundamentalmente no que se refere à definição do conhecimento humano: ele é uma representação que está no sujeito isolado do mundo. Assim, torna-se necessário provar o mundo (Cf. LUIJPEN, 1973, p. 93-96).

Com o conceito de intencionalidade, Husserl rompe com a concepção de um sujeito isolado do mundo (fechado). O sujeito pensante é direção e abertura para o mundo. Ele não é primeiro uma coisa psíquica, para depois, entrar em relação com o mundo por meio de imagens cognitivas. O conhecimento é o sujeito envolvido no mundo. Evidentemente, aqui o fenomenólogo entende o mundo a partir de um horizonte de significações. Assim, a intencionalidade é a recusa da ideia de representação. Por ela, nossa consciência nos apresenta objetos e não os representa para nós.

A fenomenologia husserliana, a partir das consequências da intencionalidade da consciência, dispensa um pensamento ontológico como disciplina distinta, pois ela própria é uma ciência do ser. Sua tarefa é, pois, estudar as significações das vivências da consciência. Assim, o filósofo prescinde da relação do fenômeno com o mundo exterior e, ao propor a “volta às coisas mesmas”, direciona o interesse para o modo como o fenômeno presentifica-se à consciência. Para Husserl, o fenômeno é tudo aquilo de que podemos ter consciência, ou seja, o sentido do ser e do fenômeno são inseparáveis. Então, não se trata de fazer uma teoria do conhecimento sobre o mundo, mas uma teoria de conhecimento do mundo.

Husserl está profundamente preocupado com a fundamentação última da filosofia e foi a esta tarefa a qual dedicou toda sua vida. A grande problemática que movia este pensador encontra-se na necessidade de fundamentação da “ciência”, pois a mesma, no fim do século XIX, sob influência do positivismo, havia se distanciado do mundo humano e trabalhava apenas com objetos ideais que não condiziam com as necessidades humanas concretas. Sua crítica se dirige ao objetivismo ou a pretensão de que a verdade do mundo apenas se encontra naquilo que é enunciável no sistema de proposições da ciência objetiva. Para ele, a filosofia deve ser posta como uma ciência de rigor que possa abranger todas as ciências positivas e seus problemas metódicos e fundamentais. Quando propõe a “volta às coisas mesmas”, Husserl tinha em mente a necessidade de um fundamento, ou seja, de um retorno à experiência originária do mundo originário. Trata-se de devolver à experiência imediata seu peso ontológico.

Deste modo, Husserl entende que a filosofia tem a particularidade de não ser uma disciplina específica entre outras, mas de ser a ciência por excelência que estuda os fundamentos. Então na fase caracterizada pela *Krisis*, Husserl desenvolve a fenomenologia a partir do *Lebenswelt* (mundo da vida) enquanto conjunto estrutural da experiência imediata e fundamento originário do sentido. Este fundamento originário do sentido parece identificar-se com o modo como se articula a verdade para o filósofo e é justamente neste campo que pode situar-se o questionamento fundamental de cuja resposta depende toda sua produção teórica: como se articula a verdade neste *Lebenswelt*?

1.1 O diagnóstico de uma crise

Toda a elaboração da fenomenologia de Husserl está profundamente marcada pela tentativa de superação de uma crise que atinge o mundo ocidental europeu. Neste ponto pode-se retomar a *Dartigues* que evoca a afirmação de Merleau-Ponty a respeito da condição em que se encontrava o mundo cultural e científico europeu no fim do século XIX:

O esforço filosófico de Husserl é, com efeito, destinado em seu espírito a resolver simultaneamente uma crise da filosofia, uma crise das ciências do homem e uma crise das ciências pura e simplesmente da qual ainda não saímos (MERLEAU-PONTY, apud. DARTIGUES, 1973, p. 16).

Merleau-Ponty se refere a uma crise no mundo da cultura e por isso seria urgente fundar uma "filosofia verdadeira". De fato o próprio Husserl alerta para a necessidade de que a existência da crise é um fato de que se deve tomar consciência. No período dos primeiros trabalhos dele, a Alemanha vê-se em meio à ruína dos grandes sistemas filosóficos tradicionais como de Hegel e Schopenhauer. Este espaço deixado pela filosofia é ocupado pela ciência, que fundamentada no positivismo, afirma que o único método de conhecimento é o das ciências naturais. A ciência, ao longo do tempo, resolveria todos os problemas humanos e sociais que afligiam a humanidade.

Para Husserl, é justamente desta concepção epistemológica baseada nos princípios da física e da matemática, através do qual a ciência moderna tornou-se incapaz de dar conta do "mundo do espírito", que brota a crise. Trata-se de uma crítica à ingenuidade do princípio metafísico através do qual se fundamentou a teoria do conhecimento e a produção científica moderna. A ciência resolveria todos os problemas do ser humano, no entanto, não se percebeu que os juízos verdadeiros das ciências empíricas e matemáticas todos juntos, eram incapazes de dar origem a uma ontologia. A natureza do princípio ontológico deve ser colocada fora do domínio científico e dos elementos a ordenar.

O fato é que a ciência esqueceu suas origens, ou seja, o nível pré-científico do "mundo cotidiano da vida" do qual ela brota e de onde deveria tirar sua significação. Na última fase de sua produção filosófica - fase da Krisis – já aposentado na universidade, Husserl refletiu sobre a crise das ciências como expressão da crise da cultura contemporânea. Neste período escreveu o texto "A crise da humanidade europeia e a filosofia"

indagando o porquê do fracasso das ciências, perguntando pela origem dessa crise e, redescrivendo a trajetória do pensamento ocidental, constata que, pela matematização as ciências se afastaram do “mundo da vida” e da teleologia que fundamenta a cultura ocidental.

Na verdade a ciência esqueceu suas origens e a sua objetividade converteu-se em objetivismo. Acontece que a crise está situada na ruptura de um mundo. Ela construiu um mundo para si idealizado e este mundo destacou-se do *Lebenswelt* ou “mundo da vida”. Já não é mais possível estabelecer uma relação entre o mundo de que fala o físico e o mundo de que fala o poeta e o romancista ou do qual falamos quotidianamente.

Ainda mais, esta intencionalidade matemático-científica com a qual o cientista se dirige ao mundo e o idealiza, leva a pensar que o mundo no qual se vive, o mundo de cores, sons, árvores e rios não é o mundo real; em vez disso, o mundo idealizado que é descrito pelas ciências exatas é que constitui o mundo verdadeiro que é completamente diferente do mundo que diariamente o homem faz experiência. Assim, o mundo em que vivemos e em que diretamente percebemos, é apenas uma construção feita por nossas mentes respondendo aos estímulos de nossos sentidos reagindo biologicamente às investidas físicas que são transmitidas dos objetos.

O objetivismo esquece que a atividade científica é uma atividade do homem, ou seja, ela não está já pronta desde toda eternidade como algo imutável ao qual a ação racional somente devesse adaptar-se, mas que nós próprios a construímos dentro de uma tradição e de um projeto humanos. Mas como se tornou possível tal esquecimento? Husserl atribui este esquecimento à matematização das ciências operada por Galileu como representante, para além de si mesmo, do início dos tempos modernos que marca o advento das ciências.

Assim, estava formulado um projeto embasado numa natureza inteiramente matematizada que compreende um conjunto racional elaborado a partir de princípios restritos onde não haveria mais fenômenos isolados, mas uma causalidade exata universal.

É a partir desta elaboração histórica das ciências que se deve entender a crítica de Husserl à atividade científica de seu tempo, pois esta atividade, evidentemente, é consequência da unilateralidade ingênua elaborada desde o início da modernidade.

Assim, não se trata de procurar pela origem da “crise das ciências” em seu caráter científico, mas na significação que esta atividade tem para a humanidade concreta.

O caminho que o filósofo buscará e que conduzirá toda a sua produção fenomenológica pode ser apresentado como uma mediania entre o empirismo e a filosofia especulativa da metafísica, onde não se tivesse uma filosofia “pronta e acabada”, como se constitui a metafísica, e também não se perdesse o pensamento lógico e o “mundo da vida” que o empirismo tinha a tendência a esquecer. Assim, com sua célebre afirmação “vamos voltar às coisas mesmas” (*Zu den Sachen selbst*) quer um retorno à realidade, ao mundo originário da experiência originária.

1.2 O projeto de Husserl

A fenomenologia de Husserl pode ser apresentada como o projeto de superação da crise a partir de uma abordagem totalmente original do problema. Ela se constituiu contra os abalos a que o projeto do saber foi submetido, quanto à sua própria essência e possibilidade, pela suspeita que os resultados do positivismo vinham pondo em seu próprio terreno fundador - a verdade. A crise é caracterizada então como uma limitação compreensiva da filosofia epistemológica da modernidade.

Com isto, Husserl pretende construir um conhecimento que possa acompanhar e subentender o exercício da ciência, com a finalidade de que jamais se perca de vista o propósito que a engendrou e que a mantém em ato. Assim, a necessidade que caracteriza seu projeto está em encontrar um princípio indubitável a partir do qual a filosofia possa realmente começar. Para levar a cabo tal intento, como é sabido, o filósofo recorre ao modo cartesiano de filosofar e, embora tendo rejeitado quase todo conteúdo doutrinário do cartesianismo, reabsorve o método

radicalizando certos temas. Com isso, em sua obra *Meditações Cartesianas*, Husserl desenvolve o “método fenomenológico” que consiste na tentativa de descrever o fundamento da filosofia na consciência na qual a reflexão emerge da vida irrefletida do começo ao fim. Nesta obra põe-se a missão de encontrar o fundamento primeiro que garantiria a edificação do conhecimento, ou seja, a busca pela evidência é o objetivo que orienta suas investigações.

Como se sabe Husserl distancia-se consideravelmente de Descartes ao entender a consciência como “intencionalidade”. Para o fenomenólogo ela não é “algo” estático, mas dotada de movimento, um movimento que “intenciona” um objeto de preenchimento. Assim, a vida da consciência não constitui um simples todo composto de dados, que pode ser analisado, mas a análise de sua operação original consiste em desvendar as potencialidades implicadas em seus estados atuais.

Esta característica da consciência traz como consequência o fato de que ela não é fechada em si e, por isso, também não é vazia, mas relacional. Deste modo ao efetuar-se a colocação do mundo entre parênteses através da *epoché* ou redução transcendental o fenomenólogo encontrará, na consciência, o “resíduo do mundo”. O ego do cogito não pode encontrar-se como objeto puro de investigação, ser “tematizado” puramente: só é possível surpreender suas formas de “relacionar-se com”. Ainda, se a consciência é relação então ela é bilateral tendo um polo referencial em si que Husserl chama *nóesis*, que é doadora de sentido e outro objetivo chamado por ele de *nóema* que é o objeto intencional presente na consciência sem ser parte dela. Assim, a intencionalidade fenomenológica é visada de consciência e produção de um sentido que permite perceber os fenômenos humanos em seu teor vivido.

Então, ao olhar para a consciência não se verá um globo com imagens ou ideias, mas o sentido intencional do mundo. Com isto posto pode-se entender a significação mais genuína da formulação do postulado de Husserl “voltar às coisas mesmas” que se caracteriza pela percepção da necessidade de reconduzir a investigação filosófica para os dados originários da

consciência. “„Não convém que a impulsão filosófica surja das filosofias, mas das coisas e dos problemas”” (HUSSERL, apud. DARTIGUES, 1973, p. 20).

A fenomenologia é, então, um método derivado de uma atitude que analisa e descreve os dados inerentes à consciência buscando a raiz de toda a atividade científica e filosófica. Presume-se como sendo absolutamente sem pressupostos fundando-se na análise da essência dos fenômenos e na subjetividade transcendental.

Consequentemente, por ser uma disciplina a priori, conduz à certeza. Portanto Husserl tenta construir sua filosofia a partir da vivência da consciência e dos seus problemas prescindindo do mundo transcendente ou do que outros filósofos já disseram. Assim a fenomenologia deve partir dos fundamentos originários presentes na consciência.

1.3 A consciência como intencionalidade

O conceito mais proximamente associado com a fenomenologia – ao menos em seu estágio primitivo - é o de “intencionalidade”. O núcleo inicial da fenomenologia consiste no seu ensinamento de que cada ato de consciência que por nós é realizado, cada objeto que experienciamos, é intencional: é fundamentalmente “experiência de” ou “consciência de” alguma coisa. A consciência intencional formula seu termo dinâmico por “estar/ser consciente de”. Deste modo a nossa consciência apresenta-se como direcionada a objetos, cada experiência é correlata de um objeto.

Husserl entende a consciência não como uma substância (alma), mas como uma atividade constituída de atos com os quais apreende algum objeto. Ela só é quando for consciência de alguma coisa. Por sua vez, o objeto somente encontra sua definição em sua relação com a consciência, sendo sempre “um objeto para um sujeito”. Assim, conforme Dartigues o objeto tem uma existência intencional na consciência que o visa, ou seja, somente encontra seu sentido de objeto para uma consciência, pois sua essência é sempre o resultado de uma visada de significação sem a qual não se poderia falar de objeto.

Os objetos não têm sua existência fora das operações que os produzem. Não existem nem na consciência nem fora, ou seja, seu modo de existência depende do modo sob o qual a consciência os visa, lhes dá seu sentido. Então, o objeto nunca será um objeto em si, mas sempre percebido, pensado, rememorado, imaginado, etc.

Deste modo se pode dizer que a consciência só é quando é contaminada pelo objeto intencional que se apresenta em termos de sentido ao sujeito, ou seja, a coisa é “para” uma certa maneira de olhar. Por conseguinte, a intuição será uma intuição do sentido ou da essência. Intui-se sempre a essência de alguma coisa ou, dito de outra forma, o sujeito é uma subjetividade constituída para a objetividade. Nem tudo que é objetivo é inteiramente independente do sujeito, por outro lado, nem tudo que se encontra no sujeito é subjetivo. Porém, esta subjetividade não se apresenta naturalmente, somente sendo acessível por meio de um método, o da “redução”, através do qual a subjetividade empírica é suspensa, e abre-se a esfera da “consciência intencional pura”, o verdadeiro objeto de reflexão fenomenológica.

Na verdade esta estrutura e atividade da consciência conduzem a uma redução, ou seja, colocação entre parênteses - provisória ou permanentemente - da realidade como a concebe o senso comum. A esta operação metodológica Husserl chama de *epoché* ou redução transcendental, que consiste, sinteticamente, numa mudança de atitude: da natural para a fenomenológica. A prática fenomenológica consiste em absterse dos pontos de vista e atitudes na perspectiva da ingênua crença no mundo. Nesta ingenuidade encontra-se o ponto de vista da vida cotidiana, há o ponto de vista do matemático, do especialista em medicina, do físico, do político e assim por diante. A mudança na atitude fenomenológica, contudo, é um movimento do tipo “tudo ou nada” que se desprende completamente da atitude natural e se concentra, de um modo reflexivo, em tudo da atitude natural, incluindo a subjacente crença no mundo. A consciência não é mais uma parte do mundo, mas o lugar de seu desdobramento.

A análise intencional vai nos obrigar assim a conceber a relação entre a consciência e o objeto sob uma forma que poderá parecer estranha ao senso comum. Consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza que se trataria, em seguida, de pôr em relação, mas consciência e objeto se definem respectivamente a partir desta correlação que lhes é, de alguma maneira co-original (DARTIGUES, 1973, p. 26).

A filosofia transcendental de Husserl será, por conseguinte, uma filosofia do "sentido" na sua dimensão mais larga. O mundo para o sujeito é o sentido do mundo no sujeito, o sentido inerente à sua existência e, em última análise, o sentido da sua vida. Este movimento consiste em negar que existe outra dimensão do ser do mundo senão o seu para-mim, ou seja, somente "existe" a problemática transcendental.

Aqui fica mais evidente a grande distância que a fenomenologia husserliana toma com relação à filosofia de Descartes, pois, graças à intencionalidade, o resultado da redução fenomenológica é completamente diferente do resultado da dúvida cartesiana.

3. Lebenswelt

O Lebenswelt ou "mundo da vida" surge em Husserl como um problema filosófico contrapondo-se com o progresso científico da modernidade. Esta contraposição emerge no momento em que é percebida uma crise que nasceu juntamente com este progresso caracterizado pelo modelo altamente matematizado da ciência: modelo este, que foi introduzido por Galileu, Descartes e Newton. A crise está fundamentalmente situada na separação entre o mundo da ciência, tal como ela o constitui, e o "mundo da vida", o mundo propriamente humano das intuições. Esta matemática profundamente rigorosa aplicada à ciência produz uma objetividade ideal que substitui o "mundo da vida" trocando-o por esta natureza idealizada na linguagem dos símbolos.

Na verdade o tema do “mundo da vida” aparece ao longo de toda a produção de Husserl, mas, no começo, se refere a este tema como “mundo da experiência”, porém sua reflexão ainda se encontra muito voltada para a fundamentação do método fenomenológico objetivando sempre a descrição das estruturas da consciência. Contudo é perceptível, a partir das novas análises husserlianas, um progressivo abandono daquele “idealismo cartesiano”, passando a se enfatizar muito mais a totalidade formada pelo mundo circundante em que o ego se encontra. Neste sentido também a “redução” vai significando mais um retorno do lógico ao antepredicativo do que um simples retorno ao ego: o mais importante é a evidência primordial do mundo. A fenomenologia tende agora, mais decididamente, àquilo que precede a toda redução fenomenológica de modo que toda verdade passa a remeter-se ao *Lebenswelt* como o resultado de tal “redução”.

Este desenvolvimento acaba por desembocar no que se convencionou chamar de “Fase da Krisis” que está fundamentalmente caracterizada pela vinculação do ego e do *Lebenswelt* com a correlação consciência-mundo querendo que este *Lebenswelt* signifique o mundo histórico-cultural concreto. Este deslocamento da análise fenomenológica empregado por Husserl - embora incoerente para alguns olhares - lhe permite assumir novas perspectivas para a intencionalidade e a intersubjetividade que antes eram abordadas mais em nível “egológico”. Agora começam a serem tiradas grandiosas consequências de suas precedentes análises e elaborações, que anteriormente eram demasiadamente abstrativas. Husserl propõe que se faça uma *epoché* da história com o mesmo e insubstituível objetivo de recuperar o “sentido” das elaborações culturais: dentre elas, principalmente o da ciência.

Com efeito, esta abordagem do *Lebenswelt* que Husserl faz em sua “última fase”, como um mundo histórico e intersubjetivo permite elaborar um conceito de razão mais alargado do que o que se produziu durante a “história da crise”. A razão, conforme a fenomenologia a entende extrapola longamente o restrito exercício da ciência, de modo que esta passa a ser apenas um “modo intencional” do ser racional: o

exercício científico é um possível modo de intencionar a realidade. Uma vez que a verdade identifica-se com o sentido do mundo, a objetividade não se restringe somente ao que a “razão matemática e física” produz como queria Descartes. A fenomenologia julga que a realidade “concreta” é mais rica do que o pretende o cientismo, e que tal riqueza de modo algum é menos objetiva.

Esta elaboração ainda propõe reflexões mais profundas que estas, e devem situar-se agora, mais a fins de epistemologia. Como deve posicionar-se uma abordagem científica do homem para o homem diante da concepção antropológica erigida pela fenomenologia? Para tanto, é necessário trazer uma breve concepção do que seja o homem para esta corrente filosófica que pode ser encontrada em Stephan Strasser que, ao meditar a respeito do termo “ciências humanas”, como evidenciando uma superação do dualismo cartesiano, diz o seguinte:

O aparecimento do termo “ciências humanas” testemunha uma concepção totalmente nova e significa que o homem é unidade concreta composta de matéria e espírito, e que seus comportamentos concretos, sua práxis concreta, os produtos concretos de sua atividade serão, daqui por diante, objeto de investigação científica (STRASSER, 2010, p. 25).

Aqui, Strasser está dirigindo uma crítica ao sonho de se elaborar uma ciência “empírica” que estude o homem enquanto ser que cria cultura e história. Ele constata que a ciência do homem baseada na experiência sistematicamente organizada tem, em consonância com a ciência da natureza, o método empírico. No entanto sabemos que o homem é ontologicamente diferente do restante da natureza: ele cria e modela seu mundo circundante. Será que uma abordagem indutiva pode dar conta do que é especificamente humano?

As dificuldades de se situar uma “fórmula científica” que consiga dar conta do humano e suas criações significativas são enormes: como, por exemplo, um psicólogo pode ser considerado capaz de estudar o comportamento humano tendo

em vista que o exercício de sua ciência já pressupõe um modo típico de se comportar? Ou um sociólogo, como ele pode elaborar uma sistematização dos conflitos humanos sendo que ele também luta contra seus próprios conflitos? Parece fazer-se necessário uma psicologia do psicólogo e uma sociologia do sociólogo. O cientista que elabora a ideia de que as comunidades humanas, elas próprias, são as que criam e organizam seu mundo circundante, deve acrescentar também, dentre essas criações, a criação da própria ciência: mas então, como e onde assentar esta ciência tendo em vista que ela própria já é produto? Contudo, este é o dilema epistemológico que a fenomenologia levanta diante da crise do conhecimento que afeta a humanidade do século XX e XXI.

3.1 Objetivismo e objetividade

Antes de prosseguir na análise de uma possível solução para o problema do *Lebenswelt* e a justificação de sua objetividade, se faz necessário refletir, mais detidamente, sobre a problemática da objetividade e da crítica ao objetivismo elaborada por Husserl. Como foi entendida e elaborada a noção de “objetividade” ao longo da modernidade?

Ofuscados pelo naturalismo, os cientistas das ciências humanas não conseguiram colocar o problema de uma ciência pura e universal que abarcasse a dimensão espiritual do homem enquanto pessoa. Husserl caracterizou esta postura epistemológica como sendo produto de uma ingenuidade. Acontece que as repercussões que brotam desta postura científica configuram-se como a impossibilidade de atingir o homem em sua especificidade. Para as ciências da natureza a noção de objetividade está vinculada com a possibilidade de verificação empírica que um enunciado apresenta. Uma verdade somente se torna verdade a partir do momento em que for verificada, naturalmente com o método das ciências da natureza. Esta noção pode ser encontrada mais particularmente nos representantes do positivismo lógico como Alfred Jules Ayer por exemplo. Contudo, trazer exemplos ultrapassa o objetivo que aqui é querido, bastando somente a observação feita por

Strasser que, referindo-se a esta postura, diz: "(...) um fato objetivo é aquele que vários observadores concordam unanimemente, reconhecer, contanto que adotem uma postura objetiva" (STRASSER, 2010, p. 38). A ciência é objetiva porque é verdade impessoal, universal. A objetividade estaria onde não houvesse qualquer resquício de subjetividade. Ainda recuperando o exemplo onde Husserl critica o objetivismo na psicologia de seu tempo, é possível observar que aquela redução tem como objetivo de fundo excluir da pauta de discussão a problemática da liberdade e da orientação que o homem tem para agir a partir de valores e referir-se a fins. Na verdade é impossível descrever empiricamente um ser livre. Mas a afirmação de que um fato pode ou não ser o resultado do exercício de uma liberdade atuante possibilita ao objetivista organizar a experiência de tal modo que esta não seja levada em conta. Da mesma forma, é possível evitar a questão embaraçosa dos valores e dos fins. Deste modo, "chamaremos objetivismo a tendência, que têm certos homens de ciência, de banir, sistematicamente, do mundo das ciências humanas, o homem em sua qualidade de sujeito" (Idem, p. 34).

No entanto, para a fenomenologia, objetividade significa outra coisa bem diferente do que professa o objetivismo: para esta corrente a objetividade é o reconhecimento da verdade por uma comunidade humana. Sabe-se que Husserl dedicou, na quinta das Meditações Cartesianas, uma longa explanação da problemática da intersubjetividade e da experiência intersubjetiva. Esta dimensão da reflexão fenomenológica exerce uma importância capital, pois é neste campo que a experiência perceptiva encontra sua validação. Contudo não é permitido um alongamento referente a este assunto, contentando somente uma breve pincelada: (a água, por exemplo, certamente o químico intencionará a mesma, como sendo um composto de hidrogênio e oxigênio; de modo diferente ela será intencionada por aquele que passa sede no deserto, e; ainda diferentemente o pescador intencionará este mesmo objeto, pois para ele, ela não significa diretamente um composto químico nem a possibilidade de saciar sua sede, mas o sustento da família). Evidentemente o reconhecimento de que a

água é um composto de substâncias químicas que sacia a sede e pode servir de sustento só pode adquirir seu sentido na esfera da intersubjetividade a partir de uma relação de troca significativa entre os envolvidos. O conhecimento do objeto “água” será tão mais rico quanto maior for a gama de experiências que, dela, a humanidade puder partilhar. Assim, pode-se dizer neste sentido que a verdade que a fenomenologia busca não é da ordem da objetividade, mas da intersubjetividade.

Enfim, pode-se agora desenvolver o que significa, fundamentalmente, a objetividade para a fenomenologia: por um lado a objetividade é o reconhecimento, enquanto corresponde uma atitude humana, de dependência e de determinação das leis que lhe são impostas por algo que não é ele mesmo; por outro lado o ser-objetivo é dependente da atitude humana que é objetiva e tem valor necessário e universal. Não é, pois, o modo de ser das coisas que é objetivo. Não há nada nem em nós nem fora de nós que nos garanta a objetividade: nada pode ser objetivo para nós sem nós. O objeto está repleto de significados ocultos que compete à nossa razão descobrir, porém todas as nossas descobertas nunca conseguirão esgotar a riqueza significativa do ser.

Então se se aceita a noção de objetividade a partir do objetivismo o “mundo da vida” é injustificável, porém se esta abordagem partir de uma noção mais ampla e condizente com a realidade do ser então o “mundo da vida” é o único “mundo real” e verdadeiro. É neste sentido que a fenomenologia, contrariamente ao positivismo que confina a verdade na dimensão das ciências exatas, restaura como iguais em certeza essas verdades da vida que o entendimento ainda não elaborou. Verdades estas que concernem à dimensão operante no “mundo da vida” da consciência intencional que podem ser constituídas em horizontes pré-científicos e extracientíficos. Nenhuma destas verdades deve ser classificada como absoluta, pois não pertencem à mesma ordem e não dependem da mesma intenção: a verdade não se separa de sua origem que corresponde a um modo de intencionar da consciência.

3.2 O “Lebenswelt” como horizonte pré-científico e extracientífico

A prática fenomenológica é a busca pelo caráter originário da verdade na consciência. Esta verdade somente se mostra em seu teor original a partir de uma epoché que lhe absorve em seu momento constitutivo de vivência. Com isto, uma análise mais detida sobre o “mundo da vida” poderá servir de iluminação para que se possam levantar algumas dimensões importantes que o constitui e, também, precisar melhor o que Husserl queria significar com este conceito de Lebenswelt. Naturalmente para abordá-lo é necessário deslocar-se para a “atitude fenomenológica” que, como tal, se contrapõe à “atitude natural” da vida cotidiana em seu afazer rotineiro. Na vida fenomenológica, contudo, nos tornamos como que espectadores contemplando os envoltimentos que temos com o mundo e com as coisas nele, e contemplamos o mundo em seu envolvimento humano. Não somos mais simplesmente participantes no mundo; contemplamos o que é ser um participante no mundo e nas manifestações.

Mas, no contexto fenomenológico de Husserl o que significa dizer que ele pretendia, com o conceito de Lebenswelt, provar que o homem de ciência se utiliza, mesmo que com extrema ingenuidade, das evidências da vida cotidiana? Para situar corretamente esta reflexão se faz necessário, num primeiro momento, repetir que o exercício fenomenológico procura levantar a questão da verdade em sua dimensão antecedente às formulações científicas e provar que a objetividade pode ser garantida, também, fora do “laboratório”. Quer isto significar que existem elaborações objetivas que transcendem o momento da ciência.

Com isto, é possível, agora, dizer que o fenomenólogo numa primeira distinção, aborda o Lebenswelt como um horizonte da vida humana extracientífica de que todo homem participa mais ou menos e que compõe aquela dimensão que escapa às elaborações científicas. Por outro lado, o “mundo da vida” significa também o mundo humano circundante histórico que, enquanto tal, se constitui anteriormente às elaborações de

uma teoria científica. Este mundo pré-científico presente antes da episteme Husserl o nomeia como *Lebensumwelt*. O “mundo da vida” como produção humana que, em si, antecede a cientificidade, ou seja, aquela forma de vida que consiste em que os grupos humanos se deixem guiar pela doxa, pela crença tradicional, pelas representações herdadas do passado e não por uma episteme constitui, então, o mundo “pré-científico”. Com efeito, na análise do mundo do homem que é anterior à epistemologia uma condição se impõe: se se quer fazer justiça às significações humanas que se produzem no mundo primitivo é fundamental abster-se dos preconceitos que estão inculcados na cultura moderna pelo objetivismo que leva a concluir, superficialmente, que o homem arcaico é selvagem e subjetivo. Assim, é preciso esforçar-se para olhar a partir de dentro deste mundo a fim de poder levantar o que ele tem de específico, isto é, tentar entender a experiência científica do homem primitivo.

O *Lebenswelt* ou *Lebensumwelt* abarca a totalidade de relações que uma comunidade humana comum estabelece com o mundo e consigo mesmo. Cada comunidade humana procura um fundamento absoluto a partir do qual ordenar sua vida religiosa, ética, política, etc., que certamente é diferente de outras comunidades humanas. Quando estas comunidades entram em contato, evidentemente acontece uma crise porque o que desconcerta e confunde os membros de um mesmo “mundo da vida” é experimentar que outros homens fundam todas as coisas, sobre uma realidade, que para seu próprio grupo, é desprovida de qualquer significação. Contudo, o “mundo da vida” deles funciona perfeitamente com regras e leis determinadas. Para a outra comunidade, a sua norma é tão evidente, como esta o é para estes em seu “mundo da vida”. Então, o que era evidente em cada grupo perde, por assim dizer, todo caráter de evidência, repousando, num primeiro momento, a dúvida e a confusão. É aqui que surge o espírito crítico e, com isso, começa a grande evolução da humanidade (Cf. Idem, p. 127).

Contudo, a desintegração dos “mundos da vida” gera uma evolução que se constitui num processo dialético sem fim de modo que, apesar de conceitos como pré-científico, primitivo

e mítico conterem conteúdos diferentes em cada fase da evolução, sua função dialética permanece a mesma. É o caso, por exemplo, da astrologia dos povos da antiguidade que portava rudimentos de uma elaboração científica, se comparada com a dos povos pré-históricos, enquanto que ao se comparar com a astrologia moderna, ela ainda mantém crenças míticas em seus princípios.

Desta evolução resulta que os costumes e regras regionais vão cedendo lugar a uma ética que, enquanto tal, se pretende fundada na razão e, por isso, se impor a todos. Aqui a doxa tradicional vem a ser substituída por uma episteme científica demonstrável com validade universal. Por fim, esta evolução pode ser comparada com uma explosão que atinge os "mundos da vida": os três elementos de verdade que estão reunidos indissociavelmente no mito, são separados sob o efeito desta explosão e se diferenciam um do outro de modo a formar três orientações diferentes do conhecimento, a saber, a física natural se desenvolve para tornar-se ciência; a metafísica se faz filosofia sistemática e consciente; as crenças religiosas dão origem a uma verdade reflexiva, elaborada numa linguagem teológica (Cf. Idem, p. 91-124).

Com isto é possível concluir que Husserl elabora este conceito de *Lebenswelt* com o intuito de construir, ou melhor, reconstruir as camadas da vida intencional a partir das experiências de pensamento. Para ele o "mundo da vida" e as operações extracientíficas apresentam uma linguagem própria, com conceitos, modos de verificação próprios, uma verdade própria. Cada "mundo da vida" tem seus valores, seus fins, suas normas próprias. São supra-individuais, universalmente válidos e, por conseguinte, objetivos. Se fosse desprovido de objetividade, o "mundo da vida" não seria um mundo humano, não diferiria do mundo circundante de um animal. Então, na empreitada fenomenológica não se trata, evidentemente, de rejeitar a objetividade científica, mas contrariamente a isso, de reintegrar o mundo da ciência no "mundo da vida", devendo a filosofia, mostrar o fundamento último dos juízos científicos.

3.3 O “Lebenswelt” como fundamento

Pode-se agora, tendo presente as reflexões anteriores referentes ao modo como a fenomenologia entende a objetividade, situar e desenvolver a problemática fundamental que atinge o “mundo da vida” em relação à busca por um fundamento sólido e inabalável onde se possa assentar o edifício do conhecimento. Com efeito, nenhum tema teve mais sucesso e alcance dentre as filosofias posteriores a Husserl, principalmente nos “pensadores existencialistas”, que o tema do *Lebenswelt* ou “mundo da vida”. Com este conceito Husserl queria provar, na verdade, que o homem de ciência usa com extrema ingenuidade das evidências da vida cotidiana.

Uma tese importante que não se deve perder de vista está no fato de que o *Lebenswelt*, que surge como conceito nuclear da investigação da Krisis, não aparece nunca numa intuição direta, tornando-se acessível somente ao se passar pelo desvio de uma “meditação em sentido contrário”, como observa Paul Ricoeur ao se referir a *epoché* transcendental (Cf. RICOEUR, 2009, p. 333-334). O que se quer dizer com este “método do sentido inverso” é somente que se pretende, com ele, ir da ciência até aquilo que é o mais último, o mais originário, o mais autêntico, ou seja, ao “mundo cotidiano da vida”. Porém a origem para a qual aponta esta meditação não consiste, de modo algum, em procurar por alguma intuição passiva, receptiva, mas em uma vida operante prático.

Aqui se situa um campo teórico husserliano que dá margem para um questionamento fundamental que pode ser feito, humilde e cautelosamente, ao fenomenólogo: durante a modernidade algo que é comum aos filósofos é o fato de tentarem fundar, num dado indubitável e estático, todo o conhecimento; neste quadro de referência, naturalmente, o “mundo da vida” é designado como fundamento não questionado de toda pressuposição. Como o *Lebenswelt* pode ser a garantia se se situa anteriormente a toda ideia de objetividade elaborando-se como algo anterior a todo questionamento? Com efeito, o que os modernos esqueceram

está na ordem da operação, que pertence, por direito, à subjetividade transcendentalmente formadora.

A preocupação de Husserl está voltada para a ausência de uma ponte que deveria ligar o *Lebenswelt*, enquanto mundo sensível intuitivo, até o mesmo *Lebenswelt* em sua dimensão axiológica. Por agora cabe a sugestão de que a superação do limite entre mundo sensível e mundo axiológico pode encontrar seu amparo na capacidade que o sujeito tem de operar, de ser capaz, e de agir. Porém, as consequências deste radicalismo husserliano se estendem para mais longe, pois o que ele quer de fato é “re-enxertar” a ciência no “mundo da vida”: encontrar o sentido ou o significado originário da própria atividade científica enquanto produto cultural.

Este método, de “regredir até a origem”, operado por Husserl faz o *Lebenswelt* aparecer, sempre, como “pré-dado”, somente se tem consciência daquilo que já foi vivenciado. “Nisto vemos que, por mais que o mundo da ciência se desenvolva indefinidamente para frente, o objeto cujo sentido que ele explicita está sempre atrás (...)” (DARTIGUES, 1973, p. 80). Esta afirmação parece, num primeiro momento, incompatível com a ideia do *Lebenswelt* como pressuposição última: a ideia de ter um anterior inalcançável suscita um paradoxo que se funda sobre a possibilidade de validação. Contudo, para dissolver este paradoxo se faz necessária uma penetração reflexiva mais radical para o interior do *Lebenswelt* a fim de encontrar sua articulação interna: é preciso diferenciar sua dimensão intuitiva da dimensão constitutiva do material validativo. Com efeito, se se reportar novamente para a análise de Ricoeur verse-á que é justamente esta a possibilidade que ele encontra. Lá está observado o seguinte: “A conciliação volta a ser possível (...) caso se dissocie a função ontológica da *Lebenswelt* como estando aí antes de toda interpretação, de sua função epistemológica como pretendente à validade” (RICOEUR, 2009, p. 342-343).

Então, a questão epistemológica nada mais é que a problemática da validação. A proposta de fazer uma inteligente distinção entre epistemologia e ontologia parece oferecer os elementos adequados para desamarrar o “nó” deste paradoxo.

Ontologicamente o *Lebenswelt* é, primeiramente, o projeto de desestabilização do sonho que a consciência tem de levantar-se como uma substância pura, isolada e rainha do sentido: sonho este que pertence principalmente à modernidade. Com efeito, nas Meditações Cartesianas Husserl afirma categoricamente que a metodologia da “redução” faz o eu aparecer como “existindo com um conteúdo individual de estados vividos, de faculdades e de tendências (...) acessível a uma experiência interna possível, que pode ser enriquecida e alargada até o infinito” (HUSSERL, 1929, p. 43). No seu segundo sentido ontológico o *Lebenswelt* é esta positividade da inalienabilidade do eu e seu conteúdo, oriundos das vivências intencionais.

Esta última característica ontológica é a substância que tem sua consistência na designação do “mundo da vida” como referência última de toda a idealização, enquanto atividade da ciência. A ciência é uma atividade que elabora conhecimento em cima de conhecimento com uma precisão metodológica e racional admirável, mas no que se refere à liberdade que a produziu, é relativa: pressupõe uma disposição que, em si, não tem um método racional. “À medida que se esquece, na temática científica do mundo circundante intuitivo, o fator meramente subjetivo, esquece-se também o próprio sujeito atuante, e o cientista não se torna tema de reflexão” (HUSSERL, 1996, p. 80-81).

Contudo esta “tese da referência” nada garante a respeito da exigência de validade que a epistemologia traz consigo. Pode-se dizer que a ontologia corresponde à dependência material que as idealizações metódicas e racionais da ciência têm com relação ao *Lebenswelt*, enquanto que a epistemologia vem a ser a aporia contrastante da validade. Porém, já no início das Meditações Cartesianas (§ 7), Husserl faz uma distinção que vem nesta direção. No referido texto ele erige dois sentidos para o mundo enquanto fundamento: primeiro como a base material a partir do qual se edifica se constrói alguma coisa; depois como princípio, como lugar de legitimação, que garante toda a construção das entidades científicas. Então, a difícil justificação do *Lebenswelt* como fundamento da verdade está dependente destas distinções de

sentido que, contudo, nunca aparecem com precisão na obra de Husserl, precisando sempre de reflexão em maior profundidade e coerência. O certo é que não pertence ao “mundo da vida” em si a necessidade de uma fundamentação metodológica, tendo este problema surgido a partir da construção da ciência entendida na sua significação mais ampla remetendo-se, com Husserl, até os gregos. Esta reflexão husserliana parece indicar que quando há um começo no pensamento, este descobre que já está imerso num mundo, ou dito de outra maneira, em dois mundos: o “mundo da vida” como anteriormente presente para todos com suas normas, representações e leis; e outro que se configura dentro das idealidades. O homem sofre o impacto de um mundo que lhe delimita e situa num contexto, mas com o exercício da razão ele se utiliza destes elementos para construir o “seu” mundo e validá-lo.

Conclusão

Nesta pesquisa procurou-se desenvolver a problemática fundamental que insere, condiciona e propicia o desenvolvimento da corrente fenomenológica, principalmente em seu desenvolvimento inicial. Por um lado a reflexão encaminhou-se no sentido de encontrar os elementos adequados para poder abordar e desvelar as articulações que estão implicadas nesta vasta e rica produção filosófica, por outro lado, partindo da constituição destes fatores possibilitou-se adentrar, paulatinamente, no pensamento do filósofo criador, encaminhando a análise para a sua “filosofia da *Krisis*” e, por fim, detidamente, no conceito de *Lebenswelt* como o material dinâmico de sua filosofia.

A fenomenologia, ao nascer da consciência de uma crise que assolava o mundo ocidental, erige-se como a possibilidade de sua superação e fundamento de uma nova era na história da humanidade. Na verdade seu grito da “volta às coisas mesmas” está imerso numa gama de significados que requerem um retorno ao sentido, à teleologia que é cúmplice da história do ocidente enquanto orientado por uma ideia da tarefa infinita que o caracteriza.

É neste sentido que, no trabalho, foi assumida a hipótese de que, na fenomenologia de sua última fase, Husserl abstém-se de uma interpretação abstrata do seu método - supostamente idealista - e, com o vigor que lhe era característico, assume uma reflexão da história a fim de surpreender a crise em sua essencialidade e encontrar uma possível superação. Também seria um grande erro apressar-se e concluir que Husserl, ao levantar as insuficiências da epistemologia moderna, rejeita, com isso, o valor próprio das evidências mediatas da ciência: a adoração pela ciência lhe causa tanto estranhamento, quanto o seu desprezo. Ele não é nem cientista nem anticientista. Acontece que a crise se funda numa “aberração do racionalismo” que, ao adotar o modo quantitativo para analisar o ser, desembocou não mais que no objetivismo.

O conceito de *Lebenswelt* pode entrar em cena com toda sua envergadura, para oferecer a sua contribuição. O “mundo da vida” carrega em sua essência a sina de resgatar a primitiva operação humana, em que a primeira verdade se constrói na intersubjetividade. Por outro lado que torna possível a efetividade da verdade no *Lebenswelt* é justamente o caráter “intencional” da consciência. A articulação exposta aqui parece oferecer a dinâmica adequada para formular uma possível resposta ao questionamento que motivou esta produção: se se aceitar a afirmação de que o ser humano é constituído em sua natureza, a submeter-se ao modo como as coisas são – e que submeter-se desse modo não é limitar sua liberdade, mas ao contrário, é ser levado ao triunfo da objetividade – então o *Lebenswelt* está seguro de ser justificado.

Abstract: *The study focuses on the early stage of Edmund Husserl's (1859-1938) philosophy development; he devoted himself in searching the ultimate foundation to underpin human knowledge upon secure basis. Such an approach of human knowledge and the way it happens, on the one hand, retrieves the richness of reality that had been reduced in Cartesianism, and on the other hand, makes the "life-world" arises as "world of meanings", made in human consciousness.*

Keywords: *Phenomenology; Intentional consciousness; Lebenswelt*

Bibliografia

DARTIGUES, André. *O que é a Fenomenologia*. 2. ed. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973.

HUSSERL, Edmund. *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*. Porto Alegre, Edipucrs, 1996.

_____. *Meditações Cartesianas*. Porto: Portugal, RÉS-Editora Ltda., 1929.

LUIJPEN, Wilhemus Antonimus Maria. *Introdução à Fenomenologia Existencial*. São Paulo, Epu, 1973.

RICOEUR, Paul. *Na Escola da Fenomenologia*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes Ltda., 2009.

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo, Loyola, 2004. STRASSER, Stephan. *Fenomenologia e Ciências do Homem*. 1. ed. Pelotas, Universitária UFPel, 2010.

ZILLES, Urbano. *Teoria do Conhecimento*. Porto Alegre, Edipucrs, 1994.

